



## **Eu, centenário, vaqueiro do sertão - Histórias sobre a verdade de envelhecer**

*Me, a centennial countryside cowboy - Stories about the truth of aging*

*Yo, el centenario, un vaquero del sertão - Historias sobre la verdad de envejecer*

Monique Borba Cerqueira

**RESUMO:** Revela-se, a seguir, a narrativa de vida de um vaqueiro centenário, a partir de entrevistas realizadas em Tracupá, sertão nordestino — Bahia, Brasil. Trata-se de dar visibilidade às formas de apropriação da realidade investidas por Seu Rael, 101 anos, com ênfase no seu trabalho, lazer, memória e cotidiano. Ao final, a simples e extraordinária história de vida desse vaqueiro é colocada em paralelo com as dificuldades do quadro de saberes e poderes sobre o envelhecimento contemporâneo, que insiste em não tratar o envelhecer como coroamento do viver.

**Palavras-chave:** Centenários; Envelhecimento; Políticas da Vida.

**ABSTRACT:** *The life narrative of a centennial cowboy is herein revealed, based on interviews conducted in Tracupá, northeastern countryside of Bahia, Brazil. It is about giving visibility to the ways of appropriation of reality, invested by Mr. Rael, 101 years old, with emphasis on his work, leisure, memory and daily life. In the end, this simple and extraordinary life story of this cowboy is placed in parallel with the difficulties arising from the knowledge and powers framework on contemporary aging, which insists on not addressing aging as a crowning of living.*

**Keywords:** *Centennials; Aging; Life Politics.*

**RESUMEN:** *La narración de la vida de un vaquero centenario se revela a continuación, en base a entrevistas realizadas en Tracupá, en el noreste del país - Bahía, Brasil. Se trata de dar visibilidad a las formas de apropiación de la realidad invertidas por Seu Rael, de 101 años, con énfasis en su trabajo, ocio, memoria y vida cotidiana. Al final, la historia de vida simple y extraordinaria de este vaquero se coloca en paralelo con las dificultades del marco de conocimiento y poderes sobre el envejecimiento contemporáneo, que insiste en no tratar el envejecimiento como la corona de la vida.*

**Palabras clave:** *Centenarios; Envejecimiento; Políticas de vida.*

### *O vaqueiro*

*Eu venho dêrne menino,  
Dêrne munto pequenino,  
Cumprindo o belo destino  
Que me deu Nosso Senhor.  
Eu nasci pra sê vaquêro,  
Sou o mais feliz brasilêro,  
Eu não invejo dinhêro,  
Nem diploma de dotô.(...)*

Patativa do Assaré)<sup>1</sup>



Seu Rael, um feliz e lúcido vaqueiro em seus 101 anos...

## **Introdução**

Este trabalho se insere no limiar dos estudos sobre envelhecimento e identidade cultural, a partir do diálogo entre a coragem de existir e as infidelidades do sertão. Não se trata de saber como, quando, ou onde se deu essa experiência, mas de reconhecer uma trajetória de vida como um movimento arrebatador que nos desafia e interpela

<sup>1</sup> Essa é a primeira estrofe do poema de *Patativa do Assaré* - como é conhecido Antônio Gonçalves da Silva (Assaré, Ceará: 05/03/1909 - 08/07/2002) que foi um grande poeta popular, compositor, repentista, cantor e improvisador brasileiro. Versos estes que dizem do exemplar espírito do aqui entrevistado — o Seu Rael.

permanentemente. A vida soberana em seu percurso intranquilo retorce nossas convicções, preenche e revela nossa integridade.

Seu Rael, 101 anos, homem cordato e inquieto, foi vaqueiro do sertão pela vida inteira. Quando nos encontramos em 2012, no pequeno povoado de Tracupá, sua terra natal, localizada em Tucano (BA), ele desfrutava uma vida tranquila, graças ao carinho e ao cuidado da família — estava cercado por filhos, netos e bisnetos.

Meu encontro com Seu Rael foi motivado pelo interesse, naquele momento, em conhecer centenários no Estado da Bahia. A previsão, que não veio a se confirmar, era de que iniciaria em seis meses uma pesquisa com centenários.

Tracupá é um lugarejo conhecido como a “terra do couro”, distante 245 quilômetros de Salvador, a partir da BR-116 Norte. O vilarejo é associado à história do cangaço, devido a passagem de Lampião e seu bando pelo povoado em 1928.

A vida de Seu Rael se confunde com a lida de vaqueiro. A atividade de vaqueiro, tão tardiamente reconhecida como profissão, atravessa a história do sertão:

Até os anos 30 do século passado as pessoas se referiam ao Brasil como se ele fosse composto apenas de duas grandes porções, o Norte e o Sul (Freyre, 2015, p. 52).

Tanto o surgimento da pecuária, quanto da ovino-caprinocultura, práticas características da agricultura familiar, promoveram a interiorização e a exploração dos sertões. A partir de uma trajetória regida pelos caminhos das boiadas, partindo do litoral para o interior, a atividade do pastoreio tornou-se o principal ofício do sertanejo, o que fez o agreste se transformar no que se conhece hoje como sertão brasileiro (Prado Jr., 1972).

Vaqueiro é aquele que tem a função de cuidar do gado e outras criações, buscando alimento e água entre pastos e caatinga. Correr atrás do animal desgarrado faz parte do seu dia a dia. O maior problema enfrentado pelo vaqueiro nordestino é o da água. Às vezes, o gado tem que ser levado por dezenas de quilômetros até os bebedouros em rios, lagos e açudes.

O Ofício do Vaqueiro expressa um modo de ser e de viver existente por mais de 400 anos, característica cultural das mais destacadas no sertão baiano. Na Bahia colonial, os vaqueiros já eram estimulados a desbravar as terras, participando ativamente da interiorização do Brasil, o que mostra o incrível protagonismo do vaqueiro (Vieira, 2007).

A vida do Seu Rael é a expressão irretocável do que significa o pastoreio sertanejo:

*“Quando eu era criança, que tomei entendimento de gente, já segui para lutar com bicho, cuidar de criatórios e trabalhar mais eles. O meu destino era lutar com ovelha, cabra, gado. O meu avô me deu uma vaca e dessa vaca eu zelei, e foi parindo, e foi aumentando. Depois comprei uma novilha, troquei nuns garrotes e Deus foi me ajudando, foi aumentando e nunca faltou. E as ovelhas vêm de um carneiro que eu tinha de andar montado. Ainda agora mesmo, quando eu saí do Olho d’Água<sup>2</sup> para mudar pra aqui, entreguei cinquenta e tantas cabeças lá ao vaqueiro.”<sup>3</sup>*

Apenas no ano de 2013, a profissão de vaqueiro foi regulamentada em lei. O projeto aprovado pelo Senado foi sancionado pela Presidente da República, Dilma Rousseff, após o veto do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL) no texto que previa a contratação de seguro de vida e de acidentes de trabalho em favor dos vaqueiros. A única conquista dessa lei de apenas cinco artigos é a regulamentação da profissão de vaqueiro que, ao gerar reconhecimento profissional, dá maior respeitabilidade ao ofício que pode vir a ser regido por entidades de classe, com a perspectiva de possíveis melhorias nas condições de trabalho e no piso salarial.

### **Vaqueiro do sertão**

*“Quando eu era criança fui trabalhar mais meu pai. Mas a labuta era demais, ir às vezes até o rio, em Alagoinhas, durava oito dias de viagem no lombo de animal, era um serviço bravo. Quando saíamos do Brejo*

---

<sup>2</sup> Olhos d’Água, à semelhança de Tracupá, é um distrito de Tucano, BA.

<sup>3</sup> A partir deste ponto do trabalho, verifica-se a transcrição de fragmentos da entrevista realizada pela autora deste artigo com Seu Rael, em 2012.

*do Olho d'Água para o Tucano, às vezes, a pé, três léguas<sup>4</sup>, era um esforço muito grande e sem hora pra voltar.”*

Durante a maior parte da sua vida, Seu Rael foi um pequeno criador e vaqueiro da própria boiada. Havia também o rebanho de carneiros e cabras que fazia parte do empreendimento iniciado desde menino. Além do trabalho como vaqueiro, havia a preocupação constante em prover o alimento e vencer a rotina da sobrevivência diária:

*“Na roça eu trabalhava duro, plantava feijão, milho, enquanto labutava com o meu gado e ovelhas. Eu subia nos coqueiros e pegava os cocos. Nós comia muito xiquexique<sup>5</sup> assado. Mas meu alimento preferido era leite. Leite de vaca, de cabra, leite de sujar bem a boca que é um mata-fome danado! O meu avô, vez por outra, não sempre, matava uma criação e nós comíamos com banana verde. Não existia farinha. Eu vivia chupando cana, comendo banana, rapadura e como gostava de rapadura! Também gostava muito de caça, muito bom matar e comer as rôlas... Nesse tempo a gente comia tudo o que achava, porque não tinha comida como tem hoje. Hoje está tudo diferente, porque está tudo aí, se falta, tem o carro pra ir buscar. Naquele tempo não existia caminhão, não existia carro, não existia nada. De 1932 para cá foi que apareceu mais coisa que deu facilidade, deu a chance de ver a fatura. Mas desde muito tempo o nordestino conseguiu lidar com o pouco. O pouco era muito e por isso só tinha cabra forte no sertão.”*

O drama da escassez expresso na falta d'água atingia a vida das pessoas com uma austeridade implacável. Durante o século XX, Seu Rael assistiu e resistiu ao fenômeno que segue, sendo uma das prioridades jamais concretizadas no Nordeste — o direito à água:

*“Eu gostava de andar pra riba e pra baixo, caminhar aqui na saúde da pessoa. Eu saía todo dia do Olho d'Água para a Serra, dá quase duas*

---

<sup>4</sup> Uma légua no Nordeste equivalia a 6 km.

<sup>5</sup> Xiquexique (*Pilosocereus gounellei*) é um cacto do semiárido brasileiro. Seu caule suculento tem uma consistência macia que reserva muita água e é protegido por espinhos fortes. Em secas prolongadas, serve como fonte de alimento tanto para o homem quanto para os animais de criação.

*léguas, para dar de comer ao gado lá, porque o gado comia na Serra, até hoje come, e vinha beber no Olho d'Água, que não tinha água. E eu todo dia tinha que ir lá pôr o gado na área de comer e voltava de tardinha. Depois de muito tempo, eu comprei do compadre Zé uns tanques que ele tinha lá na Serra, comprei o tanque, ele tinha dois. Comprei o primeiro, ele disse que não vendia o outro, mas depois ele resolveu vender. E tinha o Joaquim da Pequena que tinha uma máquina de furar o chão, aí o Joaquim falou que ele ia furar um poço para mim em qualquer lugar. Eu disse: 'Mande furar nas barreiras, mande a máquina para lá que eu pago.' Aí, a máquina, cavou 115 metros de chão, deu 90 metros de água e foi uma riqueza de Deus! Era num lugar arrendado do Olho d'Água, duas léguas, que o gado quando vinha beber se acabava. Aí hoje quando o tanque seca, é só ligar o motor e encher o tanque, o gado bebe lá mesmo. E hoje está lá a água, tem os tanques, tenho três tanques grandes lá e tenho um poço."*

#### **O senhor passou muitas dificuldades com a falta de água?**

*"Foi, foi. Todo mundo sofreu. O valor do lugar é a água, não tem água, não tem nada. Lá mesmo no Olho d'Água eu tenho um pasto que foi do meu avô. Ele tinha água em todo lugar, tinha bananeira, tinha laranjeira, tinha coqueiro, tinha tudo. Não tem um pingão de água hoje, as águas todas tiveram fim. Depois o Osvaldo [político], um que mora aqui, furou um poço lá, para eu dar um voto a ele. Aí, foi com nove metros jorrou. Ficou lá o poço, ele falou que era para eu cercar, mas não cerquei, deixei lá para todo mundo e todo mundo do lugar bebia, se lavava, lavava suas panelas, mas hoje não tem mais um pingão de água."*

#### **Que coisa, Seu Rael! A água secou? Acabou?**

*"Nasceu uma garoba, um pau que chama garoba e puxa a água toda e, com isso, secou as fontes que desde o tempo do meu avô, eu alcancei como fonte nativa, nunca secou. Hoje está tudo seco, torrado."*

**O clima mudou no planeta inteiro. Está tudo mais seco, mais quente, não é?**

*“É, está tudo mudado, tempo de chuvas, as estações, tudo diferente. A falta d’água é muito terrível, porque acabou a água, acabou-se tudo. Eu tinha uma prima, até hoje é viva, que morava num lugar chamado Queimada. Quando secava lá o tanque, ela vinha no Tracupá pegar água num burro, num animal, para levar uma carguinha d’ água. Quando chegava lá, a criação toda ia atrás dela pra beber, mas não dava pra todos... Muito bicho magro, perdido e morto no sertão. Era um serviço bravo. Eu cansei de beber do mandacaru, lá em cima da Serra. Cortava a planta, enchia o chapéu de couro e bebia a água.”*

**Existe muito nessa região histórias da passagem de figuras como Lampião e Antônio Conselheiro. O senhor sabe alguma coisa sobre isso?**

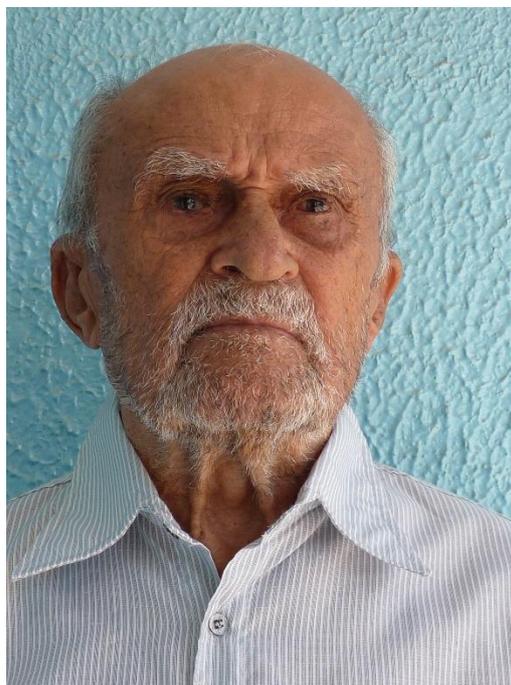
*“O meu pai bebia cachaça com os cangaceiros. Uma vez, Lampião disse que queria o cavalo dele. Ele deu o cavalo com a sela. Tinha lá um guia deles chamado Cabaça que ia pro Açores e o Lampião disse a meu pai: ‘seu cavalo vai e volta de lá do Açores pra cá, pra entregar a você’. De lá, ele mandou o cavalo pro Cabaça entregar a meu pai. Aqui, os antigos sabem, Lampião<sup>6</sup> começou a confusão dele por causa de um chocalho. Ele era menino e tinha um vizinho lá encostado a ele. Ele morava em Serra Talhada, em Pernambuco. Aí o vizinho dele matou o pai do Lampião por causa de um chocalho. Eles se pegaram numa confusão e o vizinho matou o pai de Lampião. Aí, quando ele estava rapaz, tinha um rifle velho do pai dele, ele foi lá, limpou o rifle velho para tirar a ferrugem. Aí, a mãe perguntou para que ele estava limpando aquela coisa. Ele disse: ‘porque a ferrugem está comendo, eu vou limpar’. Tirou a ferrugem e, quando acabou, encostou lá num canto. Quando estava rapaz, que já podia resolver, foi lá, apanhou o rifle, e foi na casa do vizinho. Matou. Quando acabou, tocou fogo na fazenda, acabou com tudo. E aí, também se desastrou. Quer dizer, fez isso e tomou o mundo. Lampião não bulia com ninguém, não, só bulia com quem bulisse com ele. Agora, no Brejo teve um velho que chamava José Barra, que era avô do José Reis, que mora aqui*

---

<sup>6</sup> A história de Lampião contada por Seu Rael é fiel às fontes orais e biografias oficiais sobre o cangaceiro.

*no Jorro, e o Lampião chegou, e mandou ele se ajoelhar pra matar. Aí o José Barra disse: 'não, o homem morre é em pé'. Aí, o Lampião matou ele em pé mesmo. Matou, pronto. Antônio Conselheiro já era de outra forma. Quando eu era menino, ainda se falava muito dele. O Antônio Conselheiro só andava aconselhando o povo. Ele não bulia com ninguém também, nem matava, nem nada, ele andava aconselhando, dando conselho para um, para o outro. Muitos seguiam o Conselheiro. Ele ajudava os pobres, pedia esmolas, usava um cajado, como um velho, era adorado. Chegou lá no Olho d'Água, onde eu morava, ele dormiu lá na casa de uma velha. Mas depois só se soube da guerra no sertão, um derramamento de sangue como nunca se viu. E pensar que tudo isso aconteceu muito perto daqui.' ”<sup>7</sup>*

## **Festas e Enlaces**



Entre uma seca e outra brotava a esperança da chuva; assim a vida seguia no agreste nordestino. Seu Rael nos fala sobre uma época severa com os costumes sociais. Havia uma grande intransigência nos hábitos locais. Mas a existência de muitas regras

---

<sup>7</sup> A distância entre a cidade de Tucano (BA) e Canudos (BA) é de 128 km. O tempo estimado do percurso da viagem entre as duas cidades é de aproximadamente 1h56 minutos. A guerra de Canudos, movimento de resistência à opressão rural, fez cerca de 25.000 vítimas fatais no sertão baiano.

supõe uma maior facilidade para que elas sejam quebradas, mesmo considerando-se a baixa possibilidade de ascensão econômica e social da maioria da população.

As festas de casamento eram uma ilha, um acontecimento no interior nordestino. Havia um prelúdio que poderia contar com a anuência de ambas as famílias sobre o namoro e o enlace do jovem casal, ou não. Existiam também os interesses econômicos e territoriais entre as famílias. Mas todos os trâmites e obstáculos que envolviam o casamento caíam por terra com o *roubo da noiva*, ato que passou a ser uma prática costumeira nas sociedades sertanejas, quando muitos problemas se resolviam mais à força do que na retórica (Medeiros, 2005).

Para uma moça de família, o decoro e o recato proibiam abraços apertados, toques corporais, beijos na boca e até olhares que não fossem nos olhos da moça. Em meio ao rigor cultural, o rito tradicional do casamento, por vezes, se esgarçava. Noivas roubadas<sup>8</sup> ou concedidas eram reverenciadas e tinham casamentos excepcionalmente animados; a festa tornava-se um momento de catarse no sertão castigado.

De repente, surgia um mar de comida e bebida. As festas entravam pela noite adentro e podiam durar dois ou três dias. Novos namoros e até pedidos de casamento tinham lugar durante e depois da festa. A alegria era comandada pelo xaxado, baião e xote puxados pelos sanfoneiros. O casamento era um evento singular, uma legítima celebração do modo de vida sertanejo.

### **Seu Rael, o senhor só gostava de trabalhar, não se divertia?**

*“A senhora é que pensa... Eu gostava de festa. Eu rolava duas noites nas festas. Eu gosto de festa até hoje. Mas antes, há mais tempo, um dia eu fui pra lá do Olho d'Água, perto da Casa do amigo Cajuzinho; hoje eu tenho um filho que mora lá. Eu ia pra lá, quando tinha festa e, naquela época, tinha muita festa, uma leva grande de casamento, um atrás do outro. Eu ficava lá com o povo durante dois dias. Bebia demais, comia e dançava muito. Lembro que gostava tanto de festa que uma vez fui para um casamento no Alecrim, do João Vieira. O cara era aí do Olho d'Água, casou com uma moça de lá, nós fomos para lá no casamento, passamos a noite toda lá. Que festa! Pena que só fiquei um dia. A gente dançou a noite toda, não tinha cansaço. Eu gosto muito de dançar. Festa de casamento era sempre uma beleza. Eu fazia todo sacrifício para estar lá me divertindo. Um dia mesmo eu saí e vim para cá, um dia de*

---

<sup>8</sup> Noivas roubadas eram geralmente levadas para a casa da família do noivo, lá permanecendo até a realização da cerimônia do casamento.

*sábado, montado num burro; quando cheguei no Olho d'Água, de noite, ainda fui para Quixaba, num casamento que tinha lá. A distância de Olho d'Água para Quixaba dá duas léguas. Aí, cheguei lá, tudo quieto, o casamento já tinha passado, já estavam dormindo, e eu tive que voltar pra trás. Até hoje não sei se o cara casou e não fez festa ou se a festa já tinha acabado. Um mistério.”*

### **O senhor namorou antes de casar? Teve namoradas?**

*“Tive muitas.”*

### **E como é que era o namoro naquela época?**

*“Ah, diferente, muito diferente. Era um numa terra e o outro na outra. Ninguém se via. Mais eu sabia com quem eu ia casar, azar era de quem não sabia, só via a noiva na hora do casamento. Não é como hoje que o cara antes de se conhecer já estão em (incompreensível). Não tem mais casamento. Pelo menos lá pra nós, no Olho d'Água, as mulé estão todas se amigando, aí não sobra mais aquela festa, eles não fazem mais aquelas festas, ninguém quer gastar dinheiro pra pouco tempo depois cada um estar de novo par.”*

### **Como o senhor conheceu a sua esposa?**

*“Ela era minha prima.”*

### **Era prima?**

*“Prima. A mãe dela me batizou, quando ela era moça. Aí, deu vontade dela me criar e depois parir para eu casar com a filha dela.”*

### **Foi casamento arranjado?**

*“Foi entre família, para não fugirem os cobres. E aí eu fui para a Água do Brejo e fiquei lá morando, depois de casado, mas sempre vindo ao Olho d'Água, de vez em quando.”*

### **E o senhor teve quantos filhos?**

*“Eu tive 10. Morreu dois e tem oito vivos ainda.”*

## **Um centenário no cotidiano**

A rotina se anuncia para preencher os vazios do dia. Mas o cotidiano nunca pode ser privado dos seus possíveis, da sua indeterminação, mesmo sob a marca da repetição. Ainda que demasiadamente simples, pequenas ações se sucedem aos dias do Seu Rael, tornando a vida mais leve:

*“Uma coisa que faço todo dia é rezar. Eu não me deito sem rezar. E não me levanto sem rezar. Se eu como, eu me benzo. É muito bom ser grato. Grato por tudo que a gente tem. Grato pela vida que Deus nos dá. Agora, hoje não, os meninos são diferentes, não tomam a benção... é tudo criado diferente. Eu alcancei um tempo lá no Olho d’Água mais o meu avô, que todo mundo rezava, rezava muito. Hoje esse povo novo não liga para essas coisas, não crê e nem sei do que gostam ou se gostam mesmo de alguma coisa...”*

### **O que o senhor faz durante o dia?**

*“Eu me levanto, vou tomar às vezes um banho quente<sup>9</sup> e volto.”*

### **Lá no Jorro?**

*“Sim. E volto. Mas agora a Maria não quer que eu vá, aí manda trazer a água e eu tomo banho dentro de casa mesmo; ela traz água quente. Porque até chegar no Jorro, às vezes, pode tropicalizar e cair.”*

### **É um cuidado que a sua filha tem com o senhor...**

*“Eles queriam até que eu andasse com uma bengala, para ficar me sustentando... Mas eu não quero. Eu caminhei muito nessa serra aí, tem lá o Chico, que mora no Berro, chama Chico José Martins; diz ele que muito do meu rastro está em riba dessa serra aí. Eu saía todo dia para riba da serra. Todo dia. Saía de manhã e ia chegar de noite. Nem água eu não levava nem comida nem nada. Vinha comer de noite. Mas Deus me ajudou, toda vida fui forte.”*

---

<sup>9</sup> O banho quente mencionado por Seu Rael refere-se às águas do Jorro, localizadas no município de Tucano (BA). São águas termais que chegam a 48°centígrados e são conhecidas pelos seus efeitos terapêuticos.

**E o senhor tomava pouca água?**

*“Ainda hoje eu passo, às vezes, um dia, e eu não bebo água. Mas sempre fui assim. É. Eu saía pro mato, às vezes, bebia água do croatá<sup>10</sup>, só quando a sede apertava. A água do croatá é sadia, cai aquelas folhas dentro. Eu gostava porque é água que vem do céu, da chuva. E água da chuva não tem igual, é do céu, é água boa, gostosa.”*

**Nesse momento da sua vida, o que o senhor está fazendo aqui na casa de sua filha?**

*“Eu agora estou quase parado, quieto, só estou descansando. Agora vim embora pro Tracupá. Deixei minha terrinha no Olho D`Água. Sim. Eu tenho os meus filhos que moram aqui, quatro, no Jorro e lá no Brejo só tem duas. Eu vim embora pra cá, porque a minha filha caçula, eu moro mais ela. Ela casou aí com um cara torto, que hoje só tem gente ruim, e largou ela com três filhos. Nunca deu nada a eles para bem dizer, e abaixo de Deus, quem criou fui eu, e estou criando. Aí eu vim me embora junto a ela, estou morando aqui mais ela.”*

**Seu Rael, quem são as pessoas de quem o senhor mais gosta?**

*“Eu gosto de todo mundo, porque todo mundo é meu amigo. Eu nunca tive desagrado, nunca briguei com ninguém, graças a Deus, nunca conheci, como diz o ditado, uma cadeia.”*

**Mas não tem assim ninguém de quem o senhor gostou muito?**

*“Eu gostava muito do meu avô, porque o meu avô fazia tudo por mim. Ele me deu tudo. Ele botava uma pessoa de noite para me balançar, até eu dormir.”*

**Então era um avô muito querido...**

*“Era demais.”*

---

<sup>10</sup> O Nordeste brasileiro possui uma diversidade de bromélias. As suas folhas estão distribuídas em torno do caule, o que gera um armazenamento de água, tornando-se importante para o homem da caatinga e para os animais. É grande a sua importância ecológica e são conhecidas popularmente como gravatá, gravá, caruá, croatá, caraguatá e corootá, ocorrem em quase todo semiárido brasileiro.

**E hoje assim, quem é a pessoa de que o senhor mais gosta?**

*“Hoje eu estou tendo lá um bisneto que só pode ser um dote de Deus. É apegado a mim demais.”*

**Como é que ele se chama?**

*“Botaram o meu nome nele! Um dia, ele já estava com dois anos, quando era pequeno, a minha filha estava cortando aqui as minhas unhas, aí ele veio e olhou. Foi lá, deu dois tapas nela. Aí voltou, sentou aqui e pegou a chorar. As lágrimas caíam no chão. Pensou que estavam me judiando, me maltratando. É. Isso aí só pode ser um dote, não é? Ainda hoje ele chega, me chama: ‘Vovô’. Ele já é rapaz. Ele me abraça, me cheira. E com isso eu tomei uma amizade grande demais. Muito grande. De todos os netos eu gosto, mas não como ele...”*

**Seu Rael, me conta um pouco como é a saúde do senhor?**

*“Eu, para bem dizer, desde novo que não sou muito sadio, não. Eu comia de manhã, quando era meio-dia eu estava arrotando, com a barriga inchada. Mas depois que eu fui lá num velho..., ele tinha um bote no rio, morava num lugar chamado Riachão. Ainda hoje tem isso lá. Esse velho, a pessoa mandava o nome lá pra ele e ele contava a vida da pessoa toda. Ensinava o remédio pra comprar na farmácia. Aí eu mandei pro finado Dega, eu nem fui, mandei pro finado Dega fazer uma mesa, ele fez. Ele me mandou um remédio, chamava quiló, um comprimido deste tamanho. Eu tomei e graças a Deus fiquei são e aí melhorei desse negócio da ruindade, eu comia e já não me fazia mal comer. Muito depois, agora velho, me apareceu um negócio de gastrite no estômago, fui me receitar na Feira de Santana. Aí o doutor me passou um remédio e eu tomei.”*

**O senhor foi ao médico?**

*“Sim, me receitei com o doutor e um filho dele que morava lá. O pai é doutor e o filho também é. Aí me receitou. Deu uma hérnia no estômago. E me passou um remédio, o velho fez aquele exame da mangueira que é perigosa e enfia na goela. Aí, não deu nada no estômago, mas deu esta hérnia que ainda hoje está me atacando. Eu*

*tomo o remédio pra aliviar, mas não cura. Então, eu tenho que tomar um comprimido todo dia que aquilo passa. Se não fosse isso, até hoje eu estava trabalhando, fazendo uma cerca, ajeitando aqui e ali. A natureza pede pra não ficar parado.”*

**De manhã, no café, o senhor come o quê?**

*“Às vezes, como um cuscoz de café com leite.”*

**E no almoço, o que o senhor come?**

*“Já meio-dia eu bebo, às vezes, um caldo de feijão, carne, mas me enjoei de carne. Eu gostava tanto de carne, matava uma criação, cozinhava um quarto e comia todo. E hoje a natureza não pede.”*

**Hoje o senhor não come mais carne?**

*“Não, é difícil de eu comer um pedacinho de carne.”*

**Mas já comeu muita carne, não é?**

*“Comi. Matava uma criação, ainda hoje mato, de vez em quando. Um dia desses, no Olho d’Água, matei uma ovelha, não comi, porque não tenho dente que preste, alguns ainda são do nascimento. Agora tem que arrancar um aqui. Esse. Só não botei uma chapa ainda, porque eu tenho esses aqui que ainda estão bons. Eu não queria arrancar, dá trabalho.”*

**O senhor dorme bem?**

*“Eu, graças a Deus, eu durmo. Agora, quando é de madrugada em diante, eu acordo, e aí é difícil eu dormir mais. Eu acostumei me levantar na madrugada para ir atrás de gado no tabuleiro, duas léguas, quando o dia amanhecia, eu já estava lá. Ainda hoje eu estou nesse batido. Acordo no mesmo horário.”*

**O senhor janta?**

*“Janto. Coisa pouca também. Como assim, um mingau, às vezes, como um arroz com um pedacinho de galinha, umas coisas assim.”*

**O senhor toma leite de manhã?**

*“É, de manhã eu tomo um café com leite, quando é, às vezes, de noite, bebo até mesmo um copo de leite, meio-dia também. O leite é sadio.”*

**É. Então seu Rael, o senhor não tem pressão alta?**

*“Um dia desses me receitei, o doutor disse que a minha pressão estava igual a de menino.”*

**E quanto às novidades que existem agora, do que o senhor gosta além de andar de carro?**

*“A gente gosta, andar de carro é bom demais. É muita vantagem. A pessoa andar num carro é bom, porque é uma viagem ligeira. Deus dava sorte que, no Olho d’Água, nunca tive muito contratempo, porque hoje está tudo diferente, mais fácil. Mas também se vê avião caindo, como tem caído muitos, navio afundando no mar... é tudo novo, mas também tem falha.”*

**O senhor gosta de ver televisão?**

*“Eu gosto de assistir alguma coisa e outras não. Eu gosto mais de assistir aqueles caras que dão notícia.”*

**E o telefone também é uma novidade boa?**

*“É muita vantagem. Andar falando<sup>11</sup>... Muita vantagem!”*

**E o que o senhor acha de envelhecer, Seu Rael?**

*“Eu gostei porque Deus me deu essa licença. É e todo mundo diz que eu tenho menos idade. Graças a Deus eu estou com o meu juízo certo. E outros, mais novos do que eu, ficam tolos, não sabem de nada, ficam desaprumados. Lá mesmo no Olho d’Água tem duas mulheres que são muito mais novas do que eu e todas as duas, tontas. Chegando nessa minha idade quase que nem tem mais ninguém.”*

---

<sup>11</sup> Seu Rael está se referindo ao telefone celular.

**Seu Rael, como a gente tinha combinado, vamos finalizar o nosso trabalho, juntos. Obrigada pela sua enorme generosidade, foi uma honra estar aqui esses dias conversando com o senhor sobre a sua vida.**

*“Sim. É uma grande vantagem estar aqui!”*

**Notas para o entendimento de uma vida  
Ou ressignificando verdades sobre o envelhecer**



A incerteza que pesa sobre o destino cria um movimento vertiginoso, sem trégua nem repouso, que põe em ação a vida do vaqueiro. Consentir com a existência é o que o liberta da prisão da escassez. O bom sertanejo usufrui de tudo aquilo que a terra seca lhe oferece, sem lamúrias. Vestir o sertão, ser um com ele, parece fazer a dificuldade e a sensação de risco e malogro cessar.

Em seu discurso de serena e articulada memória, Seu Rael relata que *“a labuta era demais, ir às vezes até o rio, em Alagoinhas, durava oito dias de viagem no lombo de animal, era um serviço bravo.”* O jovem vaqueiro desde sempre se jogou numa troca valente com as experiências aprendidas no ambiente natural, postura que lhe revelou um sertão menos odioso e cruel, antes, um parceiro constante em sua trajetória de vida.

O sertão dá a quem se mistura com ele. O sertão tira daquele que vive somente a sua densidade aparente e se dissolve no volume abundante da sua ruína. Viver em acordo com a natureza agreste fez o nosso vaqueiro permanecer dócil sem se subordinar a todo

o rigor, sem negar a decisiva realidade das coisas: “*a gente comia tudo o que achava, porque não tinha comida como tem hoje*”. A vida na escassez exige impulso e reverência a uma paisagem natural hostil: “*Eu cansei de beber do mandacaru lá em cima da Serra. Cortava a planta, enchia o chapéu de couro e bebia a água.*” E Seu Rael conclui: “*O pouco era muito e por isso só tinha cabra forte no sertão*”.

Sistematicamente subvertem-se as ordens de razão, importância, quantidade e qualidade das coisas. O sertanejo é hábil no *repensamento* das grandezas do mundo.

O que é maravilhoso nessa história de 101 anos é que nela não se amarga a impotência, mas há uma espantosa habilidade de viver. Seu Rael escapa aos choques com as relações lógicas; nada interrompe as suas improvisações infinitas que definem a marcha em busca de uma zona de recolhimento de si que sustenta as suas mais exitosas virtudes. A vida no sertão, ao longo do século XX, tira Seu Rael do alvo obstinado e perturbador do discurso biológico, da onda de humilhação contra o velho e da trajetória atual do envelhecimento contemporâneo. Os constrangedores raciocínios e inferências da medicalização, indicando que adoecer significa fracassar e que o envelhecimento é sinônimo de declínio e patologia, não cruzaram o campo de observação do Seu Rael. Longe das práticas de construção da vida e do corpo de quem envelhece no agitado mundo urbano, o nosso centenário foge aos novos tempos e seus pacotes ideológicos que promovem a ideia de hiper-fragilização da velhice.

Na cena do holocausto social moderno, o velho como vítima aparece numa multiplicação de estereótipos, constantes nos debates públicos e na esfera privada, sob a legitimidade de saberes e poderes ingovernáveis. Seu Rael nunca precisou de estímulos do discurso moral da política do envelhecimento ativo para trabalhar com seus rebanhos até os cem anos de idade, porque, para ele e muitos outros sertanejos, o trabalho não apenas reproduz a força de trabalho; remunera, dá prestígio ou distrai, mas tem o poder infinito de revelar virtuosismos, poderes impensáveis em cada ser.

A tranquilidade ao narrar os acontecimentos mais incompreensíveis do seu tempo, como o cangaço e a Guerra de Canudos, mostra também uma paixão por sua obra, o próprio sertão, que se desfaz e refaz na memória de todos que o vivem, principalmente enraizado que está num plano de pura resistência.

Michel Foucault se pergunta a partir de que práticas e discursos “se tentou dizer a verdade sobre o sujeito louco ou sobre o delinquente” (Foucault, 2017, p. 5). No nosso caso, é preciso assumir a obrigação ética de indagar sobre o sujeito que envelhece na

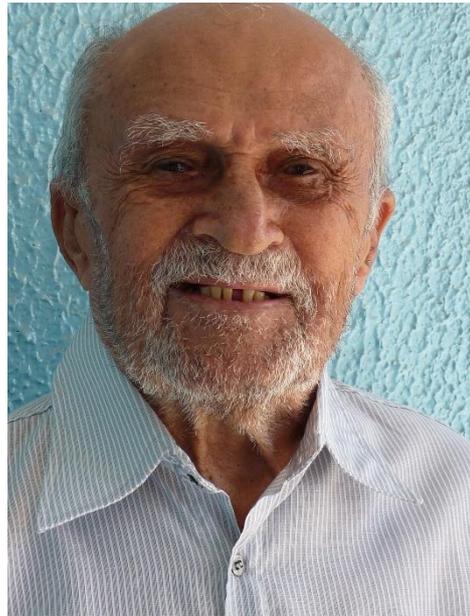
sociedade contemporânea e, a partir de que práticas, a verdade sobre o velho e o envelhecimento tem se propagado.

Envelhecer hoje diz respeito a um processo de clausura para o corpo moralizado, sob a legitimação do emblema biológico. Cresce permanentemente e se consolida o interesse pelo envelhecimento no plano das politizações, livremente apropriadas por disciplinas, instituições e por um plano vasto e vago dos saberes. Multiplicam-se os poderes e instrumentos validados sobre o corpo e a vida de quem envelhece, com ampla centralidade na produção de saberes questionáveis, por vezes, evidenciando conflitos e fragilidades no universo acadêmico.

Em plena atualidade discursiva, que se pretende progressista, forjada pela melhor idade, o mesmo cenário que recusa a senilidade faz proliferar signos absolutos da juventude que, como um manequim humano de tamanho único, surge como um dos maiores blocos doutrinários que o planeta já teve notícia. Itens e mais itens de legitimação científica são encontrados na chamada moral da “vida ativa”, pois nessa lógica a velhice precisa ser evitada, “curada” ou, pelo menos, controlada com todo o tipo de artefato estético, geriátrico ou corretivo.

O objetivo maior não é a manutenção da saúde dos sujeitos, mas a diminuição dos déficits de aparência que afastem os mais velhos da figuração senil e da pouca ou nenhuma eficiência corporal tão lamentada pela sociedade. O velho passa a viver numa luta contra si mesmo, contra o tempo de vida que lhe resta, alvo de punições acionadas pelos discursos que se constroem a partir da ideia de velhice. O cenário atual aparece como um espetáculo de mágica; os movimentos feitos com destreza pelo prestidigitador simulam o surgimento das verdades sobre o que é envelhecer numa tática surda e persistente que se insinua sobre todos nós.

### Como se tornar um centenário



Uma preocupação incessante nos faz interrogar o que orienta os alicerces da ideia de envelhecimento na civilização ocidental. O que se pode constatar é que nem o apurado escrutínio dos especialistas mais bem-intencionados conseguiu eliminar as manobras e cerceamentos que incidem sobre as mentes e corpos humanos que vivem e envelhecem.

Trata-se de um movimento de cegueira que nos afasta a todos de uma ideia singela — envelhecer significa tão somente, viver. Viver sem as determinações perversas inscritas na sentença “ser velho”. Esse é o sentido urgente da ressignificação do processo de envelhecer: centrar todos os esforços na vida; uma vida concebida com liberdade, integridade e experimentada com a maior intensidade possível.

A façanha de viver cem anos tem sido proclamada pela indústria editorial por meio da produção de vídeos, livros e mensagens que pretendem ensinar o prolongamento da vida. Nessa lógica considera-se vital para se chegar aos cem anos a necessidade de equilíbrio entre o corpo e a mente, uma atitude positiva, comer e dormir a mesma hora; boa alimentação, hidratação (ao menos 2 litros d’água por dia), não tomar muito sol, comer muitas frutas, verduras e menos carnes; repousar e ter um sono reparador; ter uma boa conduta, boa educação, e cordialidade, são exigências complementares, além de evitar o excesso de trabalho (García, 2016, pp. 7-28).

Eis o receituário para se chegar aos cem anos, como se fórmula houvesse para simplesmente viver. Incorporar à vida a inocência e a experimentação do correr dos anos,

talvez seja uma maneira melhor e mais generosa de repensarmos o envelhecimento em nossas vidas. Talvez o segredo do Seu Rael esteja além da genética, da promoção da saúde e das práticas de envelhecimento saudável, já que o maior estímulo seguido por ele foi a própria obstinação. A pura entrega no enfrentamento de um destino que, de assustador, se fez plástico, moldado pela paciência, pelas alegrias da festa, pela liberdade de chupar cana, comer rapadura ou se satisfazer no final do dia com um copo de leite. Um corpo assim construído praticamente sem doenças, sem lamentos, uma vida de cordialidades, de celebração desconhece as limitações do sertão. Um homem que teve uma longa vida de trabalho severo, cuja dieta flutuava, conforme as contingências sertanejas, que sempre tomou muito sol e ingeriu pouca água, é o avesso da pregação biológica, sanitária e médica que define as regras atuais da saúde do idoso.

Quando perguntado sobre o que achava de envelhecer, de ter chegado aos cento e um anos, Seu Rael responde singelo, sem enfeites: “*Eu gostei porque Deus me deu essa licença*”.

## Referências

- Assaré, Patativa do. (s/d). O Vaqueiro. *Jornal de Poesia, Ceará*. Recuperado em 08 janeiro, 2019, de: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/anton05.html>.
- Foucault, M. (2017). *A Coragem da Verdade*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Freyre, G. (2004). *Nordeste*. (7ª ed.). São Paulo, SP: Global Editora.
- García, Á. A. (2016). *Envejecimiento: Cómo Vivir 100 Años. Los 10 Secretos de la Eterna Juventud Revelados*. Spanish Edition, Kindle Edition.
- Medeiros, R. (2015). *O antigo ato de roubar a noiva no velho sertão*. Recuperado em 12 janeiro, 2019, de: <https://www.tokdehistoria.com.br/2015/11/06/o-antigo-roubar-a-noiva-do-velho-sertao/>.
- Prado Jr., C. (1972). *História Econômica do Brasil*. (15ª ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Vieira, N. S. (2007). Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos. *III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador.

Recebido em 19/03/2019

Aceito em 30/06/2019

---

**Monique Borba Cerqueira** – Socióloga. Pesquisadora Científica do Núcleo de Práticas e Políticas de Saúde do Instituto de Saúde. Mestrado em Sociologia, Unicamp. Doutorado em Serviço Social, PUC-SP. Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, Brasil.

E-mail: moniqueb@terra.com.br